



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS I - CAMPINA GRANDE**

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE-CCBS**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**MALU SANTOS BEZERRA NÓBREGA**

**VULNERABILIDADE ADOLESCENTE:**

**O CONSUMO DE ÁLCOOL E SUAS DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2014**

**MALU SANTOS BEZERRA NÓBREGA**

**VULNERABILIDADE ADOLESCENTE:**

**O CONSUMO DE ÁLCOOL E SUAS DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Psicóloga e Licenciada em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Karla Carolina  
Silveira Ribeiro.

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N337v Nóbrega, Malu Santos Bezerra.  
Vulnerabilidade adolescente [manuscrito] : o consumo de  
álcool e suas diferenças entre gêneros / Malu Santos Bezerra  
Nóbrega. - 2014.  
20 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e  
da Saúde, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Karla Carolina Silveira Ribeiro,  
Departamento de Psicologia".

1. Consumo de álcool. 2. Gênero. 3. Vulnerabilidade. 4.  
Adolescente. I. Título.

21. ed. CDD 616.861

MALU SANTOS BEZERRA NÓBREGA

**VULNERABILIDADE ADOLESCENTE:  
O CONSUMO DE ÁLCOOL E SUAS DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de graduação em  
Psicologia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Psicóloga e  
Licenciada em Psicologia.

Aprovada em 12 / 11 / 2014

Karla Carolina Silveira Ribeiro  
Profª. Dra. Karla Carolina Silveira Ribeiro - UEPB  
Orientadora

Lorena Bandeira da Silva  
Profª. Lorena Bandeira da Silva - UEPB  
Examinadora

José Roniere Morais Batista  
Prof. Ms. José Roniere Morais Batista - UEPB  
Examinador

**VULNERABILIDADE ADOLESCENTE:  
O CONSUMO DE ÁLCOOL E SUAS DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS**

NÓBREGA, Malu Santos Bezerra<sup>1</sup>

**RESUMO**

A adolescência é caracterizada como um período de vulnerabilidade física, psicológica e social. A preferência pelo consumo de álcool por adolescentes ocorre pelos efeitos iniciais de bem-estar provocados pela substância. Cada vez mais frequente nessa faixa etária, uso do álcool acarreta consequências físicas, mentais e sociais, sendo considerado um sério problema de saúde pública. Diante disso, a presente pesquisa se propôs a traçar um perfil do jovem consumidor na cidade de Esperança-PB e compará-lo com os de João Pessoa e Campina Grande. A amostra foi composta por 400 alunos da rede estadual de ensino, com média de 15,93 anos de idade. Para coleta de dados, utilizou-se um questionário autoaplicável e as análises foram feitas através da estatística descritiva e teste bivariado. Investigou-se questões como o uso de álcool na vida, idade da primeira experimentação, frequência de uso no último mês, motivação e consequência do uso, relacionando-as com as perspectivas de gênero. O índice de uso na vida encontrado segundo os dados levantados foi de 70%, com a idade de 13 anos na primeira experimentação, em média. Foi constatado que, em termos de frequência, os sexos se assemelham. Porém, no quesito que se refere ao uso do álcool em seis ou mais vezes no mês, o sexo masculino se destaca significativamente. Já como consequência desse consumo, a prática sexual foi estatisticamente significativa em favor dos meninos e o fator briga foi igualmente relevante para ambos os sexos. Nesta pesquisa, a população estudada é apresentada como um grupo vulnerável, não dependentes de bebidas alcoólicas, mas que também devem ser alvo de políticas públicas de vigilância, controle de riscos e danos e promoção da saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Álcool. Gênero. Vulnerabilidade. Esperança-PB.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: malunobrega@hotmail.com

## **Introdução**

O uso de álcool em adolescentes tem sido cada vez mais alvo de estudos científicos. Tal tema requer atenção devido as possibilidades que circundam o mesmo e sendo assim, é interessante debater três conceitos que são fundamentais para o conhecimento dele: a adolescência, a vulnerabilidade e o álcool.

- **Adolescência**

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (2010), a fase da adolescência compreende-se entre os 12 e 18 anos de idade e é definida pelo Protocolo de Atenção Integral a Saúde do Adolescente de Belo Horizonte (2004) como uma etapa evolutiva da vida entre a infância e a idade adulta, envolvendo um conjunto de transformações físicas, psicológicas e sociais.

Peres e Rosenburg (1998), conceitua a adolescência como uma fase de transição do desenvolvimento humano, entre a infância e a vida adulta, marcada por transformações biológicas da puberdade e também relacionada à maturidade bio-psico-social. Essas transformações são essenciais na vida dos indivíduos, o que torna a adolescência como sendo uma fase crítica, envolvendo momentos de definições de identidade sexual, profissional, de valores e sujeita a crises.

Nessa etapa da vida, ocorre, além das mudanças biológicas, um maior apelo do adolescente em prol do seu contexto social. Ele deixa de viver apenas com a família e passa a viver em função também de amigos, inserindo-se em grupos sociais, como forma de identificação pessoal (TIBA, 2005).

Para Miriam (2006), a adolescência é caracterizada como um período de vulnerabilidade física, psicológica e social. Dessa maneira, a experiência do adolescente vai exigir da família, dos profissionais de saúde e da educação uma atenção especial para ele, ajudando-o a lidar com situações e problemas que possam provocar danos e agravos à saúde. Conforme afirma o Protocolo de Atenção Integral a saúde do Adolescente de Belo Horizonte (2004), esse processo de transformação pode fragilizar o adolescente de diferentes maneiras e intensidade, tornando-o vulnerável a uma série de riscos.

- **Vulnerabilidade**

Sobre a vulnerabilidade, Ayres (1999) afirma que refere-se à chance de exposição das pessoas ao adoecimento, como consequência da soma de alguns aspectos que, mesmo

referindo-se imediatamente ao indivíduo, evidencia a sua relação com o coletivo (SANCHÉZ; BERTOLOZZI, 2007). Portanto, sabendo da importância do caráter pessoal, mas também ressaltando as conjunturas sociais e institucionais, o autor estabeleceu três “categorias” de vulnerabilidades, sendo elas individual, social e programática (BRETAS, 2010).

Por sua vez, Ribeiro (2005) acredita que as pessoas são afetadas por uma vulnerabilidade intrínseca relacionada à própria condição de ser humano e, além disso, por vulnerabilidades circunstanciais decorrentes de pobreza, de falta de acesso à educação, dificuldades geográficas, doenças crônicas e endêmicas, discriminação e outros infortúnios. Atribui à privação como sendo uma das características da vulnerabilidade, assim como destituição, que restringe a capacidade e a liberdade, sendo necessárias ações terapêuticas que a minimizem. Já para Passalacia (2009), a principal característica da vulnerabilidade seria a limitação de capacidade ou liberdade, devido a impedimentos como: ser menor de idade, sofrer de grave deficiência sensorial que impeça compreensão, não dominar uma língua fluentemente, transtorno psiquiátrico agudo ou crônico e comprometimento cognitivo.

Sierra e Mesquita (2006), esclarecem que ser vulnerável não é o mesmo que ser incapaz, mas significa ter por direito a condição de superar os fatores/situações de risco que podem afetar o seu bem-estar.

Entende-se por situação de risco (no contexto das crianças e adolescentes) aquelas nas quais os mesmos estão expostos a situações que permeiam a ordem afetiva, cultural e socioeconômica, desfavorecendo seu pleno desenvolvimento biopsicossocial, como, por exemplos: dificuldade de acesso à escola e aos serviços de saúde; violência; uso de drogas; más condições ou ausência de moradia; pobreza; maus tratos; abandono; comprometimento na estrutura familiar; inserção precoce no mercado de trabalho e sua exploração; exclusão social e barreira cultural; exploração sexual e prostituição; gravidez não planejada e aborto; sexualidade precoce e desprotegida; sofrimento e adoecimento psíquico; sentimentos conflituosos e instabilidade emocional decorrentes da explosão hormonal da puberdade (PESSALACIA; MENEZES; MASSUIA, 2010). À essa sorte de situações, Rozin e Zagonel (2012) ressaltam o contato do adolescente com o álcool.

- Álcool

A preferência pelo consumo de álcool por adolescentes ocorre pelos efeitos iniciais de bem-estar provocados pela substância. Além disso, proporciona satisfação, fácil inserção no grupo com os amigos, serve como fonte de alívio de estresse em relação aos fatores familiares

e escolares. Cada vez mais frequente na adolescência, uso do álcool acarreta, portanto, consequências físicas, mentais e sociais, sendo considerado um sério problema de saúde pública (SIMÕES; BATISTA-FOGUET, 2008).

Quanto mais precoce for a iniciação ao consumo do álcool, maior será a probabilidade de tornar-se dependente. Além disso, com o uso constante, o organismo cria tolerância à droga, e para satisfazer (como nos efeitos iniciais) é preciso aumentar as doses, que, em consequência do uso contínuo, desenvolve a dependência pelo álcool. O risco para sua dependência está interligado a fatores de exposição genética, neurobiológica, comportamentais e vivenciados pelo ambiente, que predispõe o início e a continuidade do uso da substância. Com o passar dos anos, a dependência de álcool instala-se no indivíduo e é identificada quando há perda do controle de decisão sobre o beber e sofrimento com os sintomas de abstinência da droga (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). Por tais motivos, fica evidente a importância de se conhecer o perfil dos jovens que estão sendo apresentados ao álcool, a fim de elaborar melhores medidas que os previnam da dependência a tal droga.

Várias pesquisas já foram realizadas a nível nacional com o intuito de traçar o perfil do adolescente consumidor de álcool. Algumas delas foram, por exemplo, o I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira (2007) e o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, realizado (2010).

Porém, o estudo mais recente encontrado no levantamento da literatura para a presente pesquisa foi o Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD), realizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas da Universidade Federal de São Paulo. Este foi um estudo populacional sobre os padrões de uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas na população brasileira, tendo sua primeira aplicação ocorrida em 2006 e a segunda em 2012. Foi constatado que houve uma queda no consumo *no ano* entre os adolescentes entre 14 e 17 anos. Os valores correspondem a 34% em 2006 e 26% em 2012.

Ainda que observada queda no número de consumidores entre adolescentes, os dados revelam algumas mudanças importantes e que merecem atenção: apesar da proporção daqueles que bebem habitualmente 5 doses ou mais ter se mantido estável entre 2006 e 2012 – 22% entre a população de adolescentes bebedores - essa aparente estabilidade encobre



diferenças significativas de gênero. Observou-se uma queda importante na proporção de meninos que bebem 5 doses ou mais em uma ocasião regular passando de 31% em 2006 para 24% em 2012, mas em contrapartida, nota-se crescimento expressivo do número de meninas nessa condição, passando de 11% em 2006 para 20% em 2012 – crescimento de 9 pontos percentuais. O II LENAD, assim como em 2006, mostrou que a maioria dos adolescentes experimentaram o álcool na faixa etária dos 12 a 14 anos, sem distinção entre os sexos nesse aspecto.

No contexto paraibano, Freitas, Ribeiro e Saldanha (2012) e Melo (2014) fizeram estudos semelhantes com a finalidade de traçar um perfil dos adolescentes alunos do ensino médio de escolas estaduais, com relação ao uso do álcool, associando as características desse consumo com o gênero, nas cidades de João Pessoa e Campina Grande, respectivamente.

Com relação ao uso de álcool na vida, a capital obteve uma porcentagem maior, correspondendo a 76%, enquanto Campina Grande obteve 72%. Já referente ao mês da realização das pesquisas, as duas cidades mostraram resultados parelhos: 41% dos estudantes de ambas afirmaram ter bebido nos últimos 30 dias e entre esses, 31% dos pessoenses e 32,5% dos campinenses beberam entre 1 a 5 vezes. Já no que concerne a média de idade, foi evidenciado que os adolescentes de Campina Grande têm sua experimentação um pouco mais precoce, aos 13,4 anos, em contraposição à média de João Pessoa que foi de 14 anos.

Fazendo comparações entre os gêneros, as duas pesquisas mostraram que, sobre o consumo de álcool no mês em que foram realizadas, o sexo feminino foi proeminente, sendo 59% em Campina Grande e 52% em João Pessoa, apesar da iniciação ao consumo acontecer mais cedo para o sexo masculino, aos 13 anos na capital e aos 14,36 anos em Campina.

Entre os motivos que levam os adolescentes a beberem, os mais citados entre o sexo masculino de João Pessoa e feminino de Campina Grande, foram “Aceitação e influência dos amigos” e “Faz tudo parecer mais fácil”. Foi percebido também que as jovens campinenses bebem com maior propósito de “ajudar nas relações sexuais” do que as pessoenses. Como consequência do consumo, o fator “briga” foi bastante destoante entre os gêneros na capital, porém em Campina Grande o resultado foi similar, assim como o fator “prática sexual”.

Tendo em vista que João Pessoa e Campina Grande são cidade de grande e médio porte, respectivamente, essa pesquisa se propôs a replicar tal pesquisa na cidade de Esperança-PB, que é de pequeno porte, com o intuito de fazer comparações entre os resultados. Portanto, esta pesquisa tem por objetivo traçar o perfil do jovem esperancense

consumidor de álcool e confrontá-lo com os perfis de João Pessoa e Campina Grande, além de verificar se eles se enquadram ou não no padrão nacional de consumo, de acordo com a literatura encontrada, e as diferenças entre gêneros.

## **Método**

### **Características do estudo**

O presente estudo de caráter descritivo e transversal, pesquisa de campo de cunho quantitativo.

### **Participantes**

De forma probabilística, participaram desta pesquisa 400 adolescentes estudantes das escolas estaduais Irineu Joffily e Monsenhor José da Silva Coutinho do município de Esperança – PB, cujo o número de habitantes, segundo o Censo 2010, é de aproximadamente 31.095.

Como critério de inclusão, os participantes teriam que estar na faixa etária da adolescência segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que vai dos 12 aos 18 anos, e serem estudantes do ensino médio. Àqueles que não obedecessem a esse critério estariam excluídos da amostragem.

Dos participantes, 55% foram do sexo feminino e 45% foram do sexo masculino. A média de idade dos participantes foi de 15,93 anos (DP = 1,17), variando de 13 aos 18 anos, sendo que 59 encontram-se na faixa etária de 13 a 14 anos, 200 tem de 15 a 16 e 139 situam-se na faixa dos 17 aos 18 anos. Tais dados diferem dos que foram encontrados nos estudos de Freitas, Ribeiro e Saldanha (2012), em João Pessoa, e de Melo (2014), em Campina Grande, uma vez que a média de idade dos participantes nessas cidades foram de 16 anos (DP = 1,45) e 16,32 anos (DP = 1,35), respectivamente.

### **Instrumento**

Foi utilizado um questionário autoaplicável que possuía perguntas bimodais (respostas de sim ou não), tais como “Você alguma vez já fez uso de bebida alcóolica?”; além de questões que tinham o intuito de investigar as motivações e consequências do consumo, a

idade da primeira experimentação e a frequência do consumo no mês anterior a pesquisa. Perguntas bio-demográficas também compunham o questionário. Tal instrumento foi elaborado com base nos estudos de “The Behavioral Risk Factor Surveillance System” (BRFSS) (USDHHS, 1999); Farias Jr. (2002); De Bem (2003); Azevedo (2007) e Amaral (2007).

## **Procedimentos**

A pesquisa foi, primeiramente, aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), protocolo nº 0908, e autorizada pela Secretaria Estadual de Educação. Todos os aspectos éticos que tratam de pesquisa com seres humanos foram respeitados.

Posteriormente, entrou-se em contato com as diretorias das instituições, com o objetivo de solicitar a autorização das mesmas e dos responsáveis legais dos adolescentes que tinham idade inferior a 18 anos, como também dos próprios participantes. Após consentimentos, foram feitas visitas às escolas para coleta de dados. A aplicação do questionário foi realizada de forma coletiva nas salas de aula, pela pesquisadora. Para proceder ao levantamento das informações, inicialmente informou-se aos alunos sobre os objetivos da pesquisa, esclarecendo que as informações fornecidas seriam mantidas em sigilo, utilizadas para fins de pesquisa e não influenciariam no seu desempenho escolar. Os participantes também foram orientados a não se identificarem no questionário.

## **Análise dos dados**

As análises foram realizadas, utilizando o Pacote Estatístico para Ciências Sociais (SPSS - versão 20.0), mediante estatística descritiva (média, frequência e desvio padrão) e testes bivariados (teste T de Student, Qui-Quadrado e Correlação).

## **Resultado e Discussões**

- Prevalência e iniciação

A presente pesquisa apontou que 70% da população pesquisada já fez uso de álcool na vida, dado que contrapõe ao que foi encontrado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (2010), que foi de 59,3% para as escolas públicas em João Pessoa. Dos participantes que afirmaram já ter ingerido bebida alcoólica, 26% declarou ter bebido nos 30 dias que antecederam a realização da pesquisa, com frequência de 1 a 5 vezes para 78% e de 6 ou mais vezes para 22% (ver Tabela 1). Esse padrão de consumo mostra que os jovens bebem regularmente, dado preocupante que confirma a ingestão de álcool como um problema de saúde pública, principalmente por ser o fator propulsor de cerca de 10% de toda a morbidade e mortalidade ocorrida no Brasil (MELONI; LARANJEIRA, 2004).

Com relação a idade da primeira experimentação, a média foi de 13 anos (DP = 1,93), convergindo com os dados do II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (2012), cujo resultado demonstrou que a maioria de seus participantes tiveram o primeiro contato com o álcool entre 12 e 14 anos.

- Gênero e uso de álcool

Referente aos participantes que utilizaram álcool no mês anterior a aplicação da pesquisa, 47% eram do sexo feminino e 53% do sexo masculino. Vale ressaltar que a diferença foi estatisticamente significativa apenas no que diz respeito a frequência do uso de bebidas entre 6 ou mais vezes, conforme pode ser observado na Tabela 1. Esse dado mostra que o sexo masculino bebe mais frequentemente que o feminino, apesar deste também ter apresentado um uso regular do álcool. Em seu estudo, Ferreira et al (2011) também observou maior consumo entre os homens, o que condiz com a literatura existente sobre o tema, mas, assim como a presente pesquisa, percebeu que as mulheres estão mais adeptas ao uso do álcool.

A justificativa ao crescente consumo de bebidas alcólicas entre mulheres pode estar associada ao aumento da independência feminina, maior participação no mercado de trabalho e, conseqüente, ampliação da renda própria. Guimarães et al (2009), afirmam que desde a Segunda Guerra Mundial, observa-se um significativo aumento nos transtornos relacionados com álcool e outras drogas na população feminina, o que comprova a mudança de hábitos da mesma. Essa condição de independência, tanto financeira quanto moral, tende a igualar os hábitos entre os sexos. Ação como sair com amigos para um bar, que antes era estritamente ligado ao sexo masculino, passa a ser incorporado também ao feminino que, diante de suas

conquistas e avanços, não se sente “impuro”, apesar do preconceito ainda existente contra mulheres (WOLLE et al, 2011).

Tabela 1: Prevalência e iniciação ao Uso de álcool

<b>Variáveis</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Uso na vida	<b>55%</b>	45%
Uso nos últimos 30 dias	47%	<b>53%</b>
Frequência		
1-5 vezes	50%	50%
≥ 6 vezes*	36%	<b>64%</b>
Idade experimentação (média)	13,83	13,66

\*Dado estatisticamente significativo ( $\chi^2 = 4,912^a$   $p < 0,029$ )

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação a média de idade da iniciação ao uso de álcool é possível perceber apenas uma pequena diferença entre meninos e meninas, indicando que a idade da primeira experimentação não varia muito entre os sexos. Além disso, ambos estão próximos a média nacional, que é de 13,9 anos, segundo o I relatório sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira (2007).

- **Motivação/Consequência do uso de álcool**

Para compreender os motivos que levam as pessoas a utilizarem o álcool, pesquisadores têm lançado mão de Teoria de Expectativas (BANDURA, 1977), que estabelece duas formas de expectativas que se relacionam com qualquer forma de comportamento, sendo elas: a expectativa de eficácia – que envolvem a capacidade para executar uma determinada conduta – e a expectativa de resultados – que é o que se espera como resultado de determinado comportamento (MARTINS et al, 2010). Esta última tem sido mais associada as pesquisas, pois através dela pode-se compreender diretamente o que se espera (resultado) da ingestão do álcool. Peuker, Fogaça e Bizarro (2006) dizem que as expectativas configuram-se como proposições de relação de “se – então” entre eventos e suas consequências. Sendo assim, as expectativas de resultados podem contribuir para a decisão de beber. Entre as expectativas que podem motivar um indivíduo a beber estão aquelas de maior sociabilidade, diminuição da tensão, aumento e/ou ativação do desejo sexual, entre outras.

Tais expectativas de efeitos positivos podem ser confirmadas pela experiência positiva direta com o álcool, sendo, então, fortalecidas e reforçadoras.

Nesta pesquisa, os fatores motivadores ao uso de álcool que prevaleceram entre as meninas foram “Aumenta a simpatia, alegria e animação” e “Faz esquecer coisas ruins”, ambos com 55%. Já para os meninos, os dois fatores que obtiveram maiores porcentagens foram “Desinibe e ajuda no relacionamento social” e “Ajuda a ter relações sexuais”, com 74% e 83%, respectivamente, conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2: Fatores motivadores ao consumo do álcool.

<b>Motivadores do uso de álcool</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Desinibe e ajuda no relacionamento social*	26%	<b>74%</b>
Ajuda a ter relações sexuais	17%	<b>83%</b>
Aumenta a simpatia, alegria e animação	<b>55%</b>	45%
Faz esquecer coisas ruins	<b>55%</b>	45%
Faz tudo parecer mais fácil**	28%	<b>72%</b>
Aceitação ou influência de amigos	48%	<b>52%</b>

\*Dado estatisticamente significativo ( $X^2=7,149^a$  p < 0,007)

\*\*Dado estatisticamente significativo ( $\chi^2=6,196^a$  p < 0,012)

Fonte: Dados da Pesquisa

É importante observar que entre os motivadores apenas dois foi estatisticamente significativo, ambos evidenciando a necessidade do sexo masculino em beber para facilitar seu contato com outras pessoas. Tal fato condiz com o julgamento social de que a maioria dos homens é mais fechada e difícil na comunicação, o que os impulsiona a utilizarem a bebida, uma vez que ela os deixa mais desinibidos e, então, “tudo parece mais fácil”.

Outros fatores surgiram na coleta dos dados da pesquisa, pois alguns participantes estabeleceram que nenhum dos itens que estão citados na tabela corresponderam a sua motivação. Frases como “porque era natal”, “porque acho bom” e “só para experimentar”, foram agrupadas nas categorias Festividades, Beber por prazer e Experimentação (respectivamente), mas também não mostraram relevância estatística para o presente estudo. Apesar de ser um pequeno grupo, aqueles que tem o prazer como fator motivacional chama atenção, pois a população pesquisada trata-se de adolescentes com média de 15 anos (DP=1,17), mas que já mostram predileção pelas bebidas alcólicas, o que pode ser um indício de dependência na vida adulta.

O modo como os jovens são expostos ao álcool corrobora com o conceito de Ayres (1999) sobre a vulnerabilidade, uma vez que este afirma a vulnerabilidade como sendo à chance de exposição das pessoas ao adoecimento. Portanto, diante dos dados da presente pesquisa, é possível inferir que os jovens esperancenses estão em situação de vulnerabilidade, pois o hábito de beber é aprendido, de modo geral, como sinônimo de comemoração, ou seja, bebidas alcóolicas são associadas positivamente, podendo ser apresentadas aos adolescentes através da própria família em situações como, por exemplo, comemorações de aniversário e festas tradicionais como São João e natal. Além disso, o não cumprimento da lei que proíbe a venda de bebidas alcóolicas para menores de 18 anos torna-os ainda mais vulneráveis.

Sobre as consequências da ingestão do álcool, foi estatisticamente significativa a prática sexual ( $\chi^2=5,924^a$   $p < 0,018$ ) e acidente de trânsito ( $\chi^2=4,871^a$   $p < 0,042$ ) para o sexo masculino. Entre as demais consequências não se obteve grande diferença entre os gêneros, ressaltando a igualdade no fator “briga”, que obteve exatamente 50% para os dois sexos. Laranjeira, Duailibi e Pinsky (2005) afirmam que as relações entre álcool e violência são múltiplas, e que o álcool é um importante facilitador de situações de violência. Segundo os mesmos autores, não faltam evidências científicas da participação de bebidas alcóolicas em homicídios, suicídios, violência doméstica e crimes sexuais. Logo, o trabalho educativo nas escolas se mostra essencial como forma de prevenção, conscientizando os adolescentes dos riscos aos quais estão expostos quando fazem uso da bebida.

- Esperança x Campina Grande x João Pessoa

Entre as três cidades onde pesquisas semelhantes a esta foram aplicadas, é possível perceber algumas diferenças. A primeira delas é referente ao uso de álcool na vida. Em Esperança, 70% dos participantes já fizeram uso de álcool, contra 72% em Campina Grande e 76% em João Pessoa. Apesar da porcentagem ter sido maior na capital, o levantamento feito com relação a média de idade de experimentação mostra que os esperancenses e campinenses começam a beber mais cedo. Esperança e Campina Grande obtiveram uma média aproximada, na faixa dos 13 anos, com apenas alguns meses de diferença. Já na capital João Pessoa, a média foi de 14 anos. Tais dados demonstram que os jovens das cidades de interior, tanto de médio como de pequeno porte, talvez sofram com a falta de programas de entretenimento alternativos de qualidade como cinema, teatro, etc (que existem em maior quantidade na capital), e veem os bares como única possibilidade de divertimento.

Referente ao mês anterior a realização das pesquisas, Campina Grande e João Pessoa mostraram resultados semelhantes (41% para ambas) e em Esperança a porcentagem foi menor, 26%. Entre os não abstinente, o sexo feminino foi proeminente em Campina Grande e em João Pessoa, com 59% e 52%, respectivamente. Porém, em Esperança a maioria dos consumidores nos últimos 30 dias foi masculina (53%). No que concerne a frequência, os dados das três cidades foram unânimes em comprovar que os meninos bebem mais que as meninas no quesito “de seis ou mais vezes”.

Entre os motivos que levam os adolescentes a beberem, os mais citados entre o sexo masculino de todas as cidades foram “Ajuda a ter relações sexuais” e “Desinibe e ajuda no relacionamento social”. Vale ressaltar que o interesse em relações sexuais dos adolescentes esperancenses foi maior que o dos campinenses (83% contra 60%). Neste aspecto, João Pessoa obteve a maior das porcentagens (87,5%) em comparação com as outras cidades. Já para o sexo feminino, os itens com maior porcentagem foram “Faz esquecer coisas ruins” (60% em João Pessoa; 62,8% em Campina Grande; 55% em Esperança) e “Aumenta a simpatia, alegria e animação” (53% em João Pessoa e 55% em Esperança). Apenas a cidade de Campina Grande variou, indicando que as jovens campinenses bebem porque “Faz tudo parecer mais fácil” (60,6%).

Como consequência do consumo, o fator “Prática sexual” foi um destaque entre o sexo masculino das três cidades, sendo na cidade de Campina Grande um fator semelhante entre os sexos, pois a porcentagem foi de 50% para 50%. Outra consequência que foi semelhante entre os sexos, nas cidades de Esperança e Campina Grande, foi o fator “Brigas”, que obteve 50% para ambos os sexos nas duas cidades. Em João Pessoa, para o sexo feminino prevaleceu “Fiz algo que não faria sóbrio” com 56%. A consequência “Nada” teve, nas três cidades uma boa representatividade, porém não significativa estatisticamente em comparação entre os sexos. Tal fato evidencia que os jovens por vezes não sofrem consequência graves (como por exemplo, acidentes de trânsito), por não beberem em grandes quantidades, apesar da frequência.

Embora haja algumas diferenças nos quesitos de motivação e consequência, de modo geral, assim como no estudo sobre consumo de bebidas alcólicas na região Nordeste realizado por Ferreira et al (2001), é possível constatar que os homens obtiveram maiores índices de consumo nas cidades de Esperança e João Pessoa, sendo Campina Grande a única cidade que a apresentou os valores mais aproximados entre os sexos.



## **Considerações finais**

Durante a fase da adolescência, que é marcada por diversos conflitos, os jovens tornam-se mais vulneráveis a situações externas. Múltiplos fatores de riscos, a exemplo da exposição a delinquência e a drogas, contribuem ainda mais para práticas inadequadas do ponto de vista da saúde. O consumo de substâncias psicoativas é um hábito histórico: utilizado primeiramente de forma ritualística pelas sociedades primitivas, sofreu um *boom* nas décadas de 60 e 70, quando houve um aumento de consumo recreativo pelos jovens. O fato da primeira experiência com drogas ocorrer frequentemente na adolescência evidencia a importância de se estudar este fenômeno nesse grupo etário (MUZA et al, 1997).

Com os adolescentes esperancenses não foi diferente. Dos participantes, 70% já fez uso de álcool na vida, mediante a motivação “Desinibe e ajuda no relacionamento social” para a maioria dos meninos e “Aumenta a simpatia, alegria e animação” para as meninas. Deve-se considerar, contudo, que parte dos jovens o faz na qualidade de experimentadores, mas, entre os consumidores regulares, o mais frequente é o gênero masculino. Já como consequência desse consumo, a prática sexual foi estatisticamente significativa em favor dos meninos e o fator briga foi igualmente relevante para ambos os sexos.

O uso de álcool é um apurado de fatores biopsicossociais e, sendo assim, merece ser estudado de maneira a apreciar as possíveis variáveis. Portanto, é interessante investigar os fatores associados ao uso do álcool, pois desta maneira será possível vislumbrar formas de possíveis intervenções como forma de prevenção e combate ao álcool. Sendo assim, é preciso somar ações nos planos educacionais, sociais, midiáticos para que os danos sejam minimizados. Programas preventivos podem auxiliar o desenvolvimento de habilidades sociais entre os jovens, visando o fortalecimento da capacidade de resiliência, uma vez que tal conceito pode indicar a capacidade de resistir às pressões externas e internas que favorecem o uso de substâncias psicoativas entre os adolescentes (Ronzani et al, 2009).

Nesta pesquisa, a população estudada é apresentada como um grupo vulnerável, ainda não considerados dependentes de bebidas alcoólicas, mas que também devem ser alvo de políticas públicas de vigilância, controle de riscos e danos e promoção da saúde.

## **Alcohol consumption and its differences between gender**

### **ABSTRACT**

Adolescence is characterized as a period of physical, psychological and social vulnerability. The preference for alcohol consumption by adolescents is the initial effects of well being caused by the substance. Increasingly common in this age group, use of alcohol leads to physical, mental and social consequences, and it's considered a serious public health problem. Therefore, the present study aimed to trace a young consumer profile in the City of Hope-PB and compare it with those of João Pessoa and Campina Grande. The sample consisted of 400 students from state schools, with an average of 15.93 years old. For data collection, we used a self-administered questionnaire and analyzes were performed using descriptive statistics and bivariate test. Investigated issues such as the use of alcohol in life, the first trial age, frequency of use in the last month, motivation and consequence of the use, relating them to gender perspectives. The use of alcohol in life according to the data collected was 70%, at the age of 13 at the first trial, on average. It was note that, in terms of frequency, the sexes are similar. But, the question that refers to the use of alcohol in six or more times a month, the male stands out significantly. As a result of this consumption, sexual practice was statistically significant in favor of boys and the fight factor was also important for both sexes. In this study, the population studied is presented as a vulnerable group, not dependent on alcohol, but should also be subject to public policy monitoring, risk control and damage and health promotion.

**Keywords:** Alcohol. Gender. Vulnerability. Esperança-PB

## Referências

- AMARAL, A. C. G. **O uso do Álcool e a Vulnerabilidade à Aids: estudo com adolescentes gaúchos e paraibanos**, 2007. Dissertação. (Pós-Graduação em Psicologia Social) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2007.
- AZEVEDO, R. L. W. **Aspectos Psicossociais da Sexualidade Adolescentes Associada à Vulnerabilidade ao HIV/Aids**, 2007. 140 f. Dissertação. (Pós-Graduação em Psicologia Social) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2007.
- BANDURA, A. Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. **Psychol Rev.** v.84, p.191 – 215, 1977.
- BELO HORIZONTE. Protocolo Atenção Integral à saúde do adolescente. SMSA. 2014.
- BRASIL. Álcool e redução de danos: uma abordagem inovadora para países em transição Ministério da Saúde. Ministério da Saúde. 1ª ed. em português. Brasília. 2004.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Câmara dos Deputados. 7ª ed. Brasília. 2010.
- BRASIL. Sistema para detecção do uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas – SUPERA. Ministério da Saúde. Brasília. 2008.
- BRÊTAS, J. R. S. Vulnerabilidade e Adolescência. **Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped.**, v.10, n.2, p.89-96, 2010.
- DE BEM; M. F. L. **Estilo de Vida e Comportamentos de risco de estudantes trabalhadores do ensino médio de Santa Catarina**. 2003. 158 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção – Ergonomia) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- FARIAS, J. C. **Estilo de vida de escolares do ensino médio no município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil**, 2002. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- FERREIRA, L. N.; et al. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas e fatores associados em um município do Nordeste do Brasil. **Cad. Saúde Pública.** v. 27, n. 8, p.1473-1486, 2011.
- FREITAS, E. S.; RIBEIRO, K. C. S.; SALDANHA, A. A. W. O Uso de Álcool por Adolescentes: Uma Comparação Por Gênero. **Psicol. Argum.** v.30, n. 69, p. 287-295, 2012.
- GUIMARÃES, A. B. P.; et al. Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. **Rev Psiq Clín.**; v.36, n. 2, p. 69-74, 2009.

HEIDEMANN, M. **Adolescência e saúde: uma visão preventiva para profissionais de saúde e educação**. Petrópolis: Vozes. 2006.

IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_paraiba.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_paraiba.pdf)>. Acesso em 04/Agosto/2014

LARANJEIRA, R.; DUAILIBI, S. M.; PINSKY, I. Álcool e violência: a psiquiatria e a saúde pública. **Rev. Bras. Psiquiatria**. v. 7, n. 3, p. 176–177, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v27n3/a04v27n3.pdf>>. Acesso em: 17/09/2014.

MARTINS, R. A.; et al. Expectativas sobre os efeitos do uso de álcool e padrão de beber em alunos de ensino médio. **Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas (SMAD)**. vol. 6, n. 1, pp. 1-13, 2010.

MELO, I. C. A. **Novas configurações de gênero: um estudo sobre o uso de álcool por estudantes adolescentes**, 2014. 21 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. 2014.

MELONI, J. N.; LARANJEIRA, R. Custo social e de saúde do consumo do álcool. **Rev Bras Psiquiatr**. v. 26 (Supl I), p.7-10. 2004.

MUZA, G. M.; et al. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I – Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. **Rev. Saúde Pública**. v. 31, n. 1, p. 21-9, 1997.

PEUKER, A. C.; FOGAÇA, J.; BIZARRO, L. Expectativas e beber problemático entre universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 22, n. 2, p. 193-200, 2006.

PESSALACIA, J. D. R. **Bioética e pesquisa: percepção dos sujeitos de pesquisa acerca de assuntos e situações constrangedoras em pesquisas com questionamentos**, 2009. 106 p. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; Ribeirão Preto, 2009.

PASSALACIA, J. D. R.; MENEZES, E. S.; MASSUIA, D. A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. **Revista Bioethikos**. v.4, n.4, p. 423-430, 2010.

PERES, F.; ROSENBERG, C. P. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. **Saúde Soc**. v.7, n.1, p. 53-86, 1998.

RIBEIRO, C. R. O. Ética e Pesquisa em Álcool e drogas: uma abordagem bioética. **SMAD - Rev Eletron Saude Mental Alcool Drog**. v.1, n.5, p. 1-10, 2005.

ROZIN, L.; ZAGONEL, I. P. S. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. **Acta Paul Enferm**. v.25, n.2, p. 314-318, 2012.

ROZANI, T. M.; et al. Expectativas sobre os efeitos do uso do álcool entre adolescentes. **Psicologia em Pesquisa**. v. 3, n. 01, p. 75-86, 2009.

SÁNCHEZ, A. I. M.; BERTOLOZZI, M. R. Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em saúde coletiva? **Ciência & Saúde Coletiva**, v.12, n.2, p.319-324, 2007.

SIERRA, V. M., MESQUITA, W. A. Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. **São Paulo em Perspectiva**. v. 20, n. 1, p. 148-155, 2006.

SIMÕES, C.; MATOS, M. G.; BATISTA-FOGUET J. Consumo de substâncias na adolescência: um modelo explicativo. **Psicol Saúde&Doenças**. v.7, n. 2, p.147-164, 2006.

TIBA, I. **Adolescente, quem ama cuida**. 8ª ed. São Paulo: Integrare. 2005

U.S. Department of Health and Human Service. Center for Disease Control and Prevention. Youth Risk Behavior Surveillance System (BRFSS), 1999. Disponível em <<http://www.cdc.gov>>. Acesso em: março/2007.

WOLLE, C. C.; et al. Differences in drinking patterns between men and women in Brazil. **Rev Bras Psiquiatr**. v. 33, n. 4, p. 367-373, 2011.

I Levantamento Nacional sobre os padrões do consumo de álcool na população brasileira/Elaboração, redação e organização: Ronaldo Laranjeira ... [et al.]; Revisão técnica científica: Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte. Secretaria Nacional Antidrogas. Brasília. 2007.

II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012. Ronaldo Laranjeira (Supervisão) [et al.], São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP. 2014

IV Levantamento Nacional sobre consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio das redes pública e privada de ensino nas 27 capitais brasileiras – 2010/ E. A. Carlini (supervisão) [et al.], -- São Paulo: CEBRID – centro brasileiro de informações sobre drogas psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal De São Paulo. 2010. SENAD – Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas, 503 p. Brasília. 2010.